

O HEROISMO DE UM SERTANEJO



AUTOR:

JOÃO FIRMINO CABRAL

Autor: JOÃO FIRMINO CABRAL

O HEROISMO DE UM SERTANEJO

Eis uma historia de luta
Acontecida no norte
Nela ver-se um sertanejo
Corajoso, bravo e forte
Em defesa de uma moça
Enfrentar a própria morte

Rosalvo era um moço forte
Que nunca temeu a nada
Residia no sertão
Na Fazenda Anunciada
Enfrentava todo azar
Topava qualquer parada

Era filho de um vaqueiro
Que tambem foi valentão
Nasceu igualzinho ao pai
Nunca enjeitou confusão
Detestava duas classes
Desonrador e ladrão

Rosalvo gostava muito
Da moral e da verdade
Respeitava todo mundo
Na fazenda ou na cidade
Porem depois de zangado
Matava sem piedade

Quando ia a qualquer festa
A todos tratava bem
Não bebia nem dançava
Nem insultava a ninguém
Mas se alguém lhe aborrecesse
Brigava por um vintém

Por hora eu deixo Rosalvo
Tranquilo no seu lugar
Para falar num sujeito
Que vivia de brigar
Roubar e fazer bagunça
Beber caxaça e matar

O tal era Pedro Roque
Conhecido por Caveira
Órfão de pai e de mãe
Só tinha uma irmã solteira
Era a moça mais bonita
De toda aquela ribeira

Essa moça era Glorinha
Tão linda como uma flor
Porem vivia em dominio
Daquele irmão malfeitor
Sofria prisioneira
Sem ter direito ao amor

Porque o Pedro Caveira
Com todo orgulho dizia
Que enquanto fosse vivo
Glorinha não casaria
E se ela arranjasse um noivo
Ele mesmo o mataria

Assim a moça sofria
Em poder daquele irmão
Ele seduzindo a ela
Dominado de paixão
Porque seu intento era
Jogá-la na perdição

A pobre moça chorava
Trancada em seu apozento
E ele continuava
O seu viver violento
De roubar e assaltar
Com seu instinto sangrento

O Caveira tinha um bando
De trinta salteadores
Que vivia de assaltar
Matar e causar horrores
Ele se orgulharia em ser
O chefe dos malfeitores

Assaltava todo dia
As cidades do sertão
Fazendas e povoados
Comércio e habitação
Com o dinheiro roubado
Sentia satisfação

Enquanto a pobre Glorinha
Vivia em padecimento
Maltratada pelo monstro
Por não ceder seu intento
Para ela era difícil
Aparecer casamento

Ninguém queria casar
Com a irmã de um ladrão
Porque temia ela ter
Dele a mesma profissão
Outra que já se sabia
Que ele era um valentão

Um dia Pedro Caveira
Saiu com a capangada
Para assaltar uma vila
Da sua zona afastada
Deixando a irmã sozinha
Naquela triste morada

Glorinha ficou tristonha
Mas disse no coração
É melhor eu ficar mesmo
Aqui nesta solidão
Do que me ver perseguida
Pelo monstro meu irmão

Enquanto a pobre pensava
Alguém na porta bateu
E pediu um copo de água
Ela prontamente deu
Vamos ver depois da água
O que foi que aconteceu

O leitor está lembrado
De Rosalvo um bom rapaz
Que no início da história
E dissé que era de paz
Porem depois de zangado
Topava até o Satanás

Foi ele quem pediu água
À senhorita Glorinha
Notou pela feição dela
O sofrimento que tinha
Que chegou a perguntar
Se ela estava sozinha

Estou só respondeu ela
— Mas vivo com um irmão
Mas ele saiu a pouco
Comandando 1 batalhão
De bandidos malfeitores
Pois é o chefe e ladrão

Pois a vida que ele quer
É zombar e matar gente
Junto com outros bandidos
Cada qual mais insolente
Quando sai me deixa só
Meu sofrimento não sente

Não consente que eu namore
Tambem não me deixa em paz
Me seduz e já me disse
Que se eu fugir com um rapaz
Ele matará a os dois
Com seu instinto voraz

Assim que Rosalvo ouviu
A história de Glorinha
Lhe disse penalizado:
— A sua sorte é mesquinha
Faz pena você sofrer
Neste deserto sozinha

Se você tiver coragem
De sair deste tormento
Vamos para minha casa
Lá finda seu sofrimento
Depois seremos unidos
Nos laços do casamento

Glorinha sorriu e disse
— Seu plano não está ruim
Mas se meu irmão souber
Será triste nosso fim
Por que ele irá atrás
Mata a você e a mim

Rosalvo disse: Menina
Conheço Pedro Caveira
Se ele fôr na minha casa
Só ou com a cabroeira
Dessa vez vai encontrar
Tampa pra sua chaleira

Glorinha disse: — Você
Parece um anjo divino
Que Deus enviou do céu
Com um raio cristalino
Para brilhar na estrada
Escura do meu destino

Rosalvo abraçou a moça
Igual um alucinado
Ela também abraçou-o
Deu-lhe um beijo apaixonado
Nisso alguém gritou atrás:
Solte minha irmã safado

Quando Rosalvo virou-se
Avistou Pedro Caveira
Vermelho da côr de brasa
Na frente da cabroeira
Tendo numa mão um rifle
E na outra uma peixeira

Caveira gritou:— Bandido
Vou mata-lo sem receio
Rosalvo disse: Só vendo
De papo eu já vivo cheio
O remédio dum maluco
É achar maluco e meio

Rosalvo embocou na luta
Com toda disposição
Gritou alto, seu caveira
Segure as armas na mão
Pois se não seu corpo volta
Para dentro do caixão

E com um facão Collino
Que trazia na cintura
Entrou no meio dos bandidos
Mostrando a sua bravura
Gritava:— Quem não correr
Vai morar na sepultura

Onde Rosalvo descia
Aquela folha de aço
De um cortava uma orelha
De outro torava um braço
Um ficava sem as pernas
E outro sem espinhaço

Aonde o facão passava
Matava gente sem dó
Cortava pescoço, venta
Goela, dedo e mocotó
Matou uns, correram outros
Deixaram o Caveira só

Caveira disse a Rosalvo
Eu já não temo o perigo
A minha turma correu
Mas mesmo sozinho eu brigo
Se Você tiver coragem
Venha decedir comigo

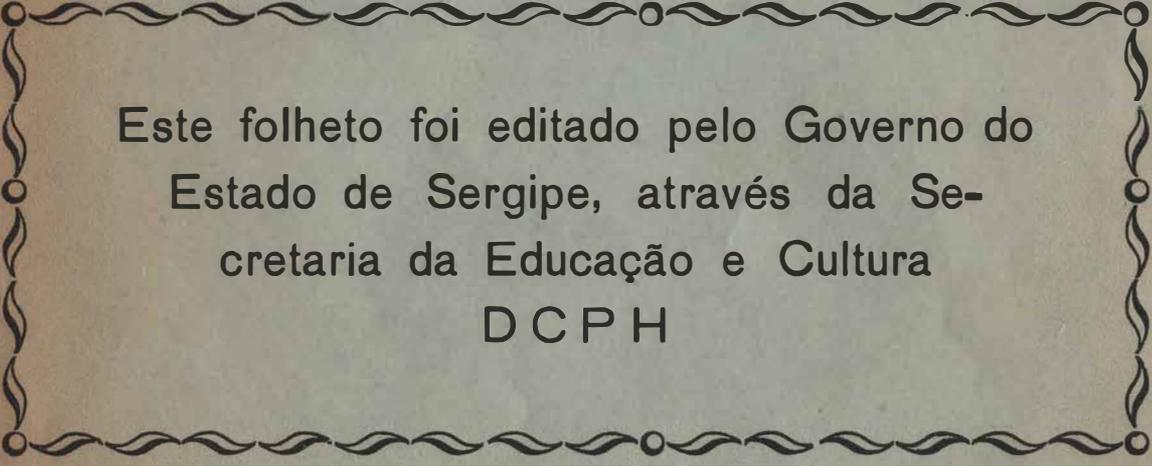
E partiu com um punhal
Do tamanho de um espeto
Rosalvo disse: Bandido
Eu hoje aqui o derreto
Deu-lhe um soco ele caiu
Estalando o esqueleto

Quando caiu espetou-se
Com o seu proprio punhal
Morreu no mesmo momento
Sua sorte foi fatal
Assim compriu-se o proverbio
Quem planta o mal colhe o mal

Glorinha ficou feliz
Vendo o irmão estirado
Disse a Rosalvo;— Você
Por mim está perdoado
Pois se não matasse a ele
Ele tinha nos matado

Acabou-se assim o Caveira
 indo encontrar com a morte
Rosalvo junto a Glorinha
Marcharam a favor da sorte
Insistiram mais venceram
No final reconheceram
O quanto o destino é forte

1776



Este folheto foi editado pelo Governo do
Estado de Sergipe, através da Se-
cretaria da Educação e Cultura
DCPH